

## ENTRE RITMOS E MÚSICAS: DISCUTINDO A IDENTIDADE AFROBRASILEIRA NA DOCÊNCIA COMPARTILHADA

Maiza Ribeiro de Sousa<sup>1</sup>  
Risoneide Silva de Araújo<sup>2</sup>  
Rosemere Olímpio de Santana<sup>3</sup>

### RESUMO

O presente trabalho parte de nossas experiências enquanto bolsistas do PIBID (Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência) subprojeto de História – UFCG/CFP, na Escola Dom Moisés Coelho na cidade de Cajazeiras-PB. Discutiremos nesse artigo a temática sobre Africanidades, a partir de uma atividade desenvolvida na referida escola. Com a criação da Lei 10.639/003, que institui a obrigatoriedade do ensino afro-brasileiro e indígena nas escolas, esse tema se tornou recorrente nos eventos e nas formações para os docentes, no entanto, percebemos ainda um descaminho com relação à efetivação da lei. Tomando essas questões como base, desenvolvemos uma oficina sobre ritmos e músicas africanas nas turmas de 7º ano “C” e “D”, na qual objetivamos conhecer o sentimento de pertença dos alunos sobre a identidade afrobrasileira a partir de utilização das músicas afros. Compreendendo o processo de inserção dos africanos no Brasil e problematizando como seus ritmos e músicas contribuíram para a formação de uma identidade brasileira, identificando os sujeitos presentes nesse contexto e como os mesmos exploravam dentro do espaço de convívio que até então era desconhecido uma nova maneira de colocar seus costumes. Como resultado da oficina os alunos confeccionaram instrumentos musicais tais como maraca, chocalhos, tambor e pandeiro. Assim percebendo como a batida desses instrumentos remete ao um lugar social de origem africana.

**Palavras-chave:** Identidades. Ritmos. Músicas.

### INTRODUÇÃO

O Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), subprojeto de História, financiado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoas de Nível Superior- CAPES tem por objetivo estreitar os laços entre a universidade e as escolas da rede básica de ensino, onde os alunos possam ter o contato mais próximo com o ambiente escolar, vivenciando esse espaço não só em sala de aula, mas de forma completa. Assim, na cidade de Cajazeiras o PIBID desenvolve essas atividades, onde a aproximação com esse espaço fomenta subsídios para repensar o desenvolvimento docente, ampliando novos horizontes no ensino de história.

O Subprojeto de História da Universidade Federal de Campina Grande, campus de Cajazeiras foi criado em 2014, junto a esse projeto surgiu a necessidade de estudar temáticas de história e cultura afrobrasileira tendo em vista a proposta interdisciplinar

---

<sup>1</sup> Graduanda do curso de licenciatura Plena em História pela Universidade Federal de Campina Grande, campus Cajazeiras. [izamataraso@hotmail.com](mailto:izamataraso@hotmail.com). Bolsista do Programa Institucional de Bolsa de iniciação à Docência (PIBID), financiado pela CAPES.

<sup>2</sup> Graduanda do curso de licenciatura plena em História pela Universidade Federal de Campina Grande, campus Cajazeiras. [risonaide\\_liciane@hotmail.com](mailto:risonaide_liciane@hotmail.com). Bolsista do Programa Institucional de Bolsa de iniciação à Docência (PIBID), financiado pela CAPES.

<sup>3</sup> Professora Doutora e coordenadora do PIBID de História na Universidade Federal de Campina Grande, campus Cajazeiras. [rosemere.santana@hotmail.com](mailto:rosemere.santana@hotmail.com)

englobando aspectos históricos e geográficos, a fim de relacionar com as práticas educativas, contribuindo para a formação de novas propostas metodológicas de ensino. Produzindo assim, conhecimento acerca da identidade negra.

A proposta de trabalhar a temática Africanidades na Escola Dom Moisés surge a partir da necessidade de problematizar para os alunos um novo olhar sobre a presença africana no Brasil. Sendo assim, ressaltamos que as oficinas são frutos de um projeto já existente no PPP da escola (Projeto Político Pedagógico). Como um dos eixos do subprojeto de história gira em torno da temática da identidade e cultura africana, resolvemos então produzir uma proposta que atendesse as necessidades do nosso público alvo e com a própria instituição na qual atuamos.

Portanto, à docência compartilhada nos possibilitou trabalhar a identidade afrobrasileira a partir de suas expressões culturais nas turmas na qual atuamos, sendo que a docência foi iniciada desde o decorrer do processo de conhecimento do espaço escolar, através da análise do diagnóstico da participação em atividades pedagógicas e curriculares da escola como na elaboração do planejamento das aulas e nas ressignificações dos instrumentos, o que proporcionou não só a reflexão da prática docente, como também a constituição de uma identidade própria ao licenciando, permitindo a sua atuação, enquanto colaborador das atividades realizada pelo supervisor.

A identidade docente toma forma a partir de nossas atitudes no ambiente escolar, pois percebemos que a teoria quanto a prática é algo que se interliga, uma vez que Pimenta e Lima (2006):

[...] O papel da teoria é oferecer aos professores perspectivas de análise para compreenderem os contextos históricos, sociais, culturais, organizacionais de si mesmos como profissionais nos quais se dá sua atividade docente, para neles intervir, transformando-os. Daí, é fundamental o permanente exercício da crítica das condições materiais das quais o ensino ocorre. (PIMENTA; LIMA, 2006, p. 16).

Partindo dos espaços de socialização e saberes construídos, na qual teoria e prática se fazem presente, fizemos uso de textos teóricos, estes nos possibilitaram discutir sobre a temática supracitada, como imagens, artigos, vídeos, músicas e livros, aonde nos permitiu o planejamento e desenvolvimento de nossas atividades em sala de aula, atingindo o nosso público alvo, 7º “C” e “D”.

## **REFLETINDO OS SABERES: A SALA DE AULA E OS MULTIPLOS OLHARES**

A docência compartilha nos aproxima da identidade docente, fazendo com que haja a percepção do espaço escolar, uma vez que atuamos de forma ativa junto a escola, com o supervisor e a coordenadora. Pensar em abordar a cultura africana, tornou-se elemento chave para entender as múltiplas visões dos alunos sobre a identidade afro, como também refletir sobre o dilema presente no Dom Moisés Coêlho, este que versa sobre discriminação e preconceito para com a pessoa de pele negra.

Partindo desse pressuposto, iniciamos o nosso planejamento, com reuniões, pesquisas bibliográficas, discussões dos textos e a elaboração do plano de aula. Assim, partimos para a prática. O plano foi desenvolvido da seguinte maneira: Primeiro traçamos os objetivos, estes compreendem:

- **Conceitual:** Compreender o processo de inserção dos africanos no Brasil e como seus ritmos e músicas contribuíram para a formação de uma identidade brasileira. Identificando os sujeitos presentes nesse contexto e como os mesmos

exploravam dentro do espaço de convívio que até então era desconhecido uma nova maneira de colocar seus costumes.

- **Atitudinal:** Problematicar o cotidiano dos africanos e como estes foram criando estratégias que voltavam-se a cultura do seu povo mesmo dentro de um espaço que os oprimia.
- **Procedimental:** Refletir a partir das discussões realizadas em sala, iremos confeccionar instrumentos musicais que são usados na produção de ritmos africanos como chocalhos, tambor, pandeiro e maraca.

Assim, mediante objetivos começamos a ativar o conhecimento prévio dos alunos, utilizando músicas do seu cotidiano, para que eles tivessem o primeiro contato com o tema. Então, nós fizemos uso das seguintes músicas, Luan Santana (Cê topa), Anita (poderosa), Garota Safada (camarote). Esse uso, se fez necessário para nos aproximar dos gostos musicais dos alunos, previamente pesquisados. Depois discutimos sobre os instrumentos musicais presentes nessas músicas. Mediante isso, questionamos aos alunos se eles se interessam pela origem das músicas que gostam, como são compostas, que ritmos fazem parte delas, e assim, fomos introduzindo outros ritmos musicais como afrobrasileiros. A partir dessa discussão, começamos a apresentar informações sobre a África, a cultura e o que eles sabiam sobre esse tema.

Nesse sentido, observamos que os gostos musicais se dividam em funk, forró e rock, mas eles desconheciam a origem das músicas que gostam de ouvir, não sabendo também a influência que a mesma recebe. Assim, ao ser questionados sobre a África, o que vinha em mente era que a África era um lugar pobre, sem água e crianças morrendo de fome, onde só tinha pessoas negras. Eles sabiam como os africanos chegaram ao Brasil, mas não sabiam como eles passaram a viver, ou seja, em que condições estes africanos viviam. E ao ser questionados sobre a contribuição dos africanos e de sua cultura, os alunos desconheciam, apenas falaram que eles trabalharam.

Após ativar o conhecimento prévio dos alunos, fizemos uso de imagens, vídeos, músicas que mostram a influência africana na cultura brasileira, onde os alunos pudessem refletir sobre a inserção dos ritmos africanos na cultura e como a mesma ao longo dos anos pode contribuir para a formação da identidade brasileira. Também, usamos mapas para mostrar aos alunos a localização geográfica da África e como se iniciou o advento dos africanos no Brasil. Abordamos também, os ritmos do samba e Olodum, uma vez que foi feito uma explanação de outros ritmos, para que pudéssemos mostrar como esses foram sofrendo modificações ao longo do tempo, mas de certa forma esses ritmos ainda são marcantes na cultura brasileira. Assim, foi dado ênfase na cultura africana trazida por eles, e como está se tornou responsável por uma nova configuração na cultural do Brasil. Usado de tal forma no decorrer da aula os seguintes vídeos, a Congada, Olodum, o samba enredo da Salgueiro de 1957, negrume da noite, Margarete Menezes (Dandalunda).

Para tanto, buscando sistematizar e refletir os saberes, foi exposto vídeos que retratavam os ritmos e músicas africanas. No vídeo sobre a congada apresentamos como esse movimento da cultura africana foi um dos pioneiros para a formação do samba, e que o mesmo tinha um cunho religioso e como o som, a batida, ou seja, todo esse contexto possibilitou o surgimento de diversos ritmos. Mas também apresentamos vídeos referentes ao Olodum, este que se constitui como um dos ritmos africanos, mais disseminado na região da Bahia. Assim, procuramos deixar claro esse novo olhar para a figura africana, onde estes ritmos que os identifica surgiram no cotidiano das senzalas, aonde possamos expor como fio condutor os ritmos iniciais para o desenvolvimento da Congada e Olodum.

Após toda a discussão do conteúdo e do debate, onde a aula teve a participação dos alunos, buscamos como método avaliativo o envolvimento dos mesmos com o tema trabalhado, já que pedimos para ser formados grupos, estes confeccionaram instrumentos musicais usados na produção dos ritmos africanos, permitindo uma melhor apropriação do conteúdo e estes materiais elaborados foi exposto pelos alunos na culminância realizada pelos bolsistas do PIBID na Escola Dom Moisés Coêlho.

## **RITMOS E MÚSICAS: CONSTRUINDO UM NOVO OLHAR ACERCA DA IDENTIDADE AFROBRASILEIRA**

Ao pensar a música e os ritmos muitas vezes nos remete apenas a ideia de um som produzido e também uma sensação de estímulos que mexe com nosso imaginário, mas fugindo desses aspectos e percebendo a música a partir das múltiplas visões dos alunos podemos entender que para eles a batida é algo mais chamativo. Então os discentes desconheciam a música africana como produto de reflexão de um lugar social e como ela chegou e conseguiu ganhar espaço em meio a todo um sistema hierárquico que punia a tudo que fugia a regra.

De tal modo as práticas musicais foram se disseminando por todo tecido sociocultural do Brasil colonial, e conforme nos mostram Monteiro, (2010)

As práticas musicais devem ser entendidas como práticas artísticas culturais, como manifestação de uma determinada sociedade, como um dispositivo agregador e funcional em seu tempo histórico. Pensar a cultura como mecanismo de controle repensar por conseguinte, que os homens são indivíduos sociabilizáveis e públicos, que vão a igreja, ao teatro, andam pelas ruas e praças e compartilham, nesses e em outros lugares de uma mesma estrutura de símbolos. (MONTEIRO, 2010, p. 79).

Assim, os alunos desconheciam essas estruturas dos símbolos que se encontram na música, símbolos esses que trazem consigo uma África ancestral que reflete suas crenças, religiões, sentimentos de pertença no qual está ligada ao seu lugar social. Portanto, buscamos apreender a visão dos alunos sobre os africanos, uma vez que o olhar que estes tinham era de cunho positivista, eles conheciam apenas a história do europeu e não do africano, sendo dessa forma a identidade do africano torna-se esquecida. Partindo desses viés procuramos construir um novo olhar, onde o africano muito contribuiu com sua cultura, assim como suas práticas musicais, pois mesmo diante todo o contexto de hierarquização, em que o europeu logo tratou para que os africanos perdessem sua identidade de origem, no qual eles se enxergassem enquanto negros e escravos submissos, os mesmos encontraram formas de burlar o que era imposto, criando assim estratégias que disseminaram suas práticas culturais por todo o tecido social brasileiro. De tal forma isso insere-se ao processo de desafricanização que para Lopes (2005) “desafricanizar e tirar ou procurar tirar do indivíduo os conteúdos que o identificam com seu lugar de origem”.

Desse modo, a identidade que os alunos tinham da África e africanos, era apenas de escravos e de um país pobre, sem saneamento básico, com pessoas selvagens e sem água. Dentro desse contexto, a identidade passa a ser ressaltada a partir da rota do escravo, ou seja, de como estes chegaram em terras brasileiras e assim pode-se dar o destaque para as várias tribos que desembarcavam dos tumbeiros. Dentro das condições desumanas de viagem podemos observar que vai se emergindo trocas de culturas, pois como coloca Thornton (2004) “Os imigrantes africanos não formavam um grupo (uma cultura homogênea), mas uma ‘multidão’ (culturas diversas sem contato prévio), e todo

uma nova estrutura social e organização foi criada, começando pelo ‘par’ de escravos dividindo o mesmo espaço no navio”.

A historiografia africana tem origem desde a chegada dos europeus ao Brasil, onde estes começam a ser distribuídos e comercializados por várias partes do País e de tal forma dá início ao processo de desafricanização tendo como cerne principal o olhar de alteridade do europeu sobre o africano e assim inicia-se a imposição que torna os cativos em cristão. Faz-se necessário ressaltar que não era apenas o processo de conversões forçadas que os desafricanizava, pois conforme coloca Lopes (2005) “depois vinha a adoção compulsória do nome cristão, seguindo do sobrenome do dono o que representava, para o africano verdadeiro e trágica amputação”.

Dentro desse novo espaço até então desconhecido pelos africanos e onde regras são colocadas, buscamos refletir com os alunos que a identidade não se perde, mas são adequadas ao contexto social. Assim a música torna-se uma expressão de resistência africana, uma vez que ao longo de nossas aulas analisamos juntos com os alunos a presença africana na música popular brasileira e como os sujeitos vão se apropriando dos lugares para manter viva seus costumes.

Assim a música seria uma forma de manter vivo seus costumes culturais, já que o espaço público era voltado para o trabalho e escravização do corpo. De tal modo, procuramos colocar neste trabalho a música como elemento principal da manutenção dessa cultura, onde possibilita a construção da identidade afrobrasileira, mesmo sofrendo alterações na forma de expressar a letra musical, como também a batida, pois a música continua fazendo referência a África enquanto berço da cultura africana.

Assim, a identidade africana não é apagada, mas ela adequa-se as tramas de poder, sendo expressadas pelos seus cânticos, pois conforme Hall (2006): “essas identidades não estão impressas em nossos genes. Entretanto nós efetivamente pensamos nelas como se fossem parte de nossa natureza essencial”. Pensando por esse viés, a identidade afrobrasileira acaba sendo definida nesses espaços socioculturais, embora haja uma desterritorialização de espaços, percebe-se essa fragmentação, onde as identidades produtos de uma representação, no que tange as suas práticas de resgate de origem, agregando assim, símbolos as suas músicas, cânticos, danças, entre outros. Nesse sentido Hall (2006) nos mostra que, “As culturas nacionais são compostas não apenas de instituições culturais, mas também de símbolos e representações[...] As culturas nacionais ao produzir sentidos sobre ‘a nação’, sentidos com os quais podemos nos identificar, constroem identidades”.

Visto isso, pensar a música e os ritmos afrobrasileiros como produto desses símbolos é refletir sobre a identidade e como a mesma está intrinsecamente ligada a nossa formação sociocultural, refletindo essas características que vão muito além da cor da pele e cabelo, mas perceber que esses símbolos como a batida, o som e letras das músicas presente em nosso cotidiano remete a estereótipos de uma identidade afro. Nesse sentido, ao ressaltar as músicas podemos compreender a partir da perspectiva de Lopes (2005), que:

A cultura brasileira e, logicamente, a rica música que se faz e consome no país estruturam-se a partir de duas básicas matrizes africanas, provenientes das civilizações Conguesa e Iorubana. A primeira sustenta a espinha dorsal dessa música, que tem no samba sua face mais exposta. A segunda molda, principalmente a música religiosa afro-brasileira e os estilos dela decorrentes. (LOPES,2005,[s.p].)

Para tanto, como é percebido, essas músicas são bases para que surjam outros ritmos afros, e foi partindo desta perspectiva que levamos até os alunos esse conhecimento base, onde os mesmos pudessem perceber que toda música tem uma

origem e que delas pode derivar-se outros gêneros musicais. Possibilitando assim a nossa discussão em sala, buscamos problematizar além das músicas de origem afro, mas também, como os instrumentos produzem som e que estes contribuem para apontar a identidade africana. No emanar dessa cultura afro-brasileira, podemos compreender que as identidades são construídas, e moldadas a partir das conjunturas ao seu redor, e partindo desse ponto nós assinalamos o que se insere nessas identidades.

## **DISCURSÕES E RESULTADOS**

O estudo sobre a temática envolvendo Africanidades foi possível a partir das necessidades existente na escola, tais como preconceito e racismo por parte do nosso público alvo, onde em determinadas situações foram usados termos deferidos pelos alunos como “macaco”. A partir de todo esse contexto que envolve estes assuntos, elaboramos nossa oficina “Africanidades: Identidades, ritmos e crenças”, sendo dividido em temáticas nas turmas que o PIBID abarca. De tal modo, as temáticas versam sobre, identidade e preconceito na turma do 6º “E”, ritmos e músicas 7º “C” e “D”, resistência quilombola 8º “D”, mitologia e religião 8º “C”.

Nesse sentido, também foi feito uma aula de campo, realizada juntamente com os alunos a uma comunidade quilombola “Os Rufinos” na zona rural da cidade de Pombal- PB. Nessa viagem de campo os alunos e nós na condição de bolsistas, tivemos a oportunidade de melhor conhecer a vida em um quilombo e como estes mantém vivo os costumes de seus ascendentes, também pudemos conhecer os seus trabalhos artesanais, onde eles produzem arte do barro, que serve também como produto de subsistência.

Depois de realizado as oficinas nas aulas práticas, trabalhos com as atividades em sala de aula, na turma do 6º ano foram confeccionados fanzines pelos alunos, no 7º “C” e “D”, onde atuamos foram confeccionados instrumentos musicais, como maraca, tambor, chocalho e pandeiro, na turma do 8º “D” foi produzido estandartes, que foram representadas as bandeiras dos quilombos e por fim no 8º “C” foi realizado uma peça teatral sobre mitologias africanas.

Assim, tudo isso foi exposto na culminância do projeto, que ocorreu no dia 30 de Julho, onde teve a participação de toda a escola, bolsistas, supervisores, coordenadora, demais funcionários e visitantes. Nesse sentido, as oficinas serviram para ampliar o olhar dos alunos sobre a cultura afro, e também se perceberem enquanto integrantes dessa identidade que se formulou a partir dos sentidos atribuídos a figura do negro, pois antes os alunos não se percebiam enquanto parte de uma identidade negra.

## **PALAVRAS FINAIS**

Na guisa de conclusão, podemos entender que a identidade se forja a partir de seu lugar social, pois identidade não é algo definido e imutável é algo que está em constate transformação, onde o sujeito não opera sozinho, mas que há toda uma conjuntura que o cerca, e que o faz percebe-se como indivíduo portador de uma identidade que lhe é própria. Sendo assim, mediante poder e hierarquização os africanos conseguiram estabelecer-se enquanto produtores de uma cultura que era próprio de seu país de origem, possibilitando o entrelaçar de raças, culturas, religião, ritmos, músicas e crenças, surgindo assim uma nova identidade, uma identidade afrobrasileira, onde não somos sujeitos fixos, mas uma população heterogênea.

Mas também podemos entender que a naturalização dos discursos é bastante firme em nossa sociedade, espalhando-se por todo o tecido social, gerando a

intolerância e alteridade sobre o outro. Assim, enquanto bolsistas do PIBID, procuramos desnaturalizar tais discursos ao que se refere ao negro. Desse modo, o caminho para tal desnaturalização é pela educação é por isso que o PIBID busca aproxima-se do contexto escolar identificando as necessidades presentes e atuando de forma a manter uma relação mais ampla com os alunos e principalmente ao que compete ao ensino de História e as particularidades dos alunos para novas visões, permitindo dessa maneira olhares mais críticos que possam discutir com naturalidade questões raciais.

## REFERÊNCIAS

HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. 11ed. Rio de Janeiro: DP&A,2006.

**Lei de Diretrizes e Bases da Educação: LEI Nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996.** Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/19394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm)>. Acesso em 23 de junho de 2015.

LOPES, Nei. **A presença africana na música popular brasileira.** Espaço acadêmico nº 5, Universidade Federal de Uberlândia, Julho 2005.

MONTEIRO, Mauricio. Aspectos da música no Brasil na primeira metade do século XIX. In: MORAIS, José Geraldo Vinci de; SALIBA, Elias Tomé (Org.). **História e música no Brasil.** São Paulo: Alameda, 2010.

PIMENTA, Selma Garrido e LIMA, Maria Socorro Lucena. **Estágio e docência:** diferentes concepções. Revista Poíses, v.3, n.3 e 4, p.5-24, 2005/2006. Disponível em: <<http://www.revistas.ufg.br/index.php/article/view/10542/7012>> Acesso em: 20 de jun. 2015.

THORNTON, John Kelly. Grupos culturais africanos no mundo atlântico. In: **A África e os africanos no mundo atlântico.** Rio de Janeiro: Elsevier, 2014.

Links de imagens usadas nas oficinas:

Disponível em: <http://bravoafrobrasil.blogspot.com.br/2009/11/bandeiras-daafrica.html>>acessi em: 05. 06. 2015

Disponível em: <http://www.historiadomundo.com.br/curiosidades/origem-samba.htm> acesso em 04.05.2015(imagem Debret)

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=VAWEI2kVmQI>> acesso em: 05.06.2015  
(Congada)

Disponível em:<<http://letras.mus.br/ile-aiye/1512527/>>acesso em:04.06.2015 música (Negrume da Noite).

Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=CLlhf-lCp\\_o](https://www.youtube.com/watch?v=CLlhf-lCp_o)>acesso em: 05.06.2015

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=EBRSZ9k5mbg>> acesso em: 04.06.2015 (Enredo de samba da Salgueiro- 1957)

Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/rio/bairros/musica-negrasenzala8777036#ixzz3cPnWF7Ds>> acesso em: 04.06.2015.

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Rd4OXsjJXF> acesso em: 11-06-2015